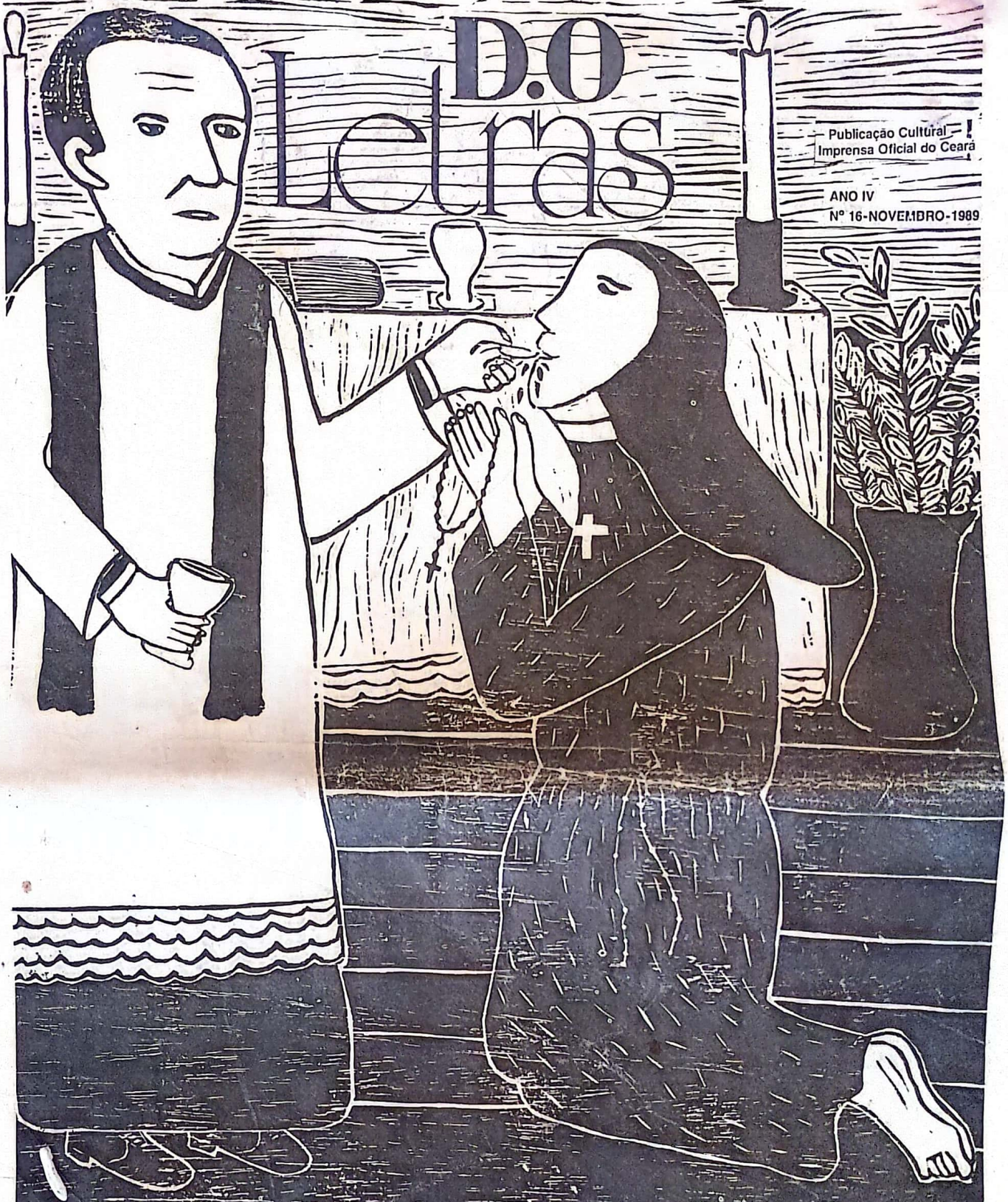


D.O. Letras

Publicação Cultural
Imprensa Oficial do Ceará

ANO IV
Nº 16-NOVEMBRO-1989



Fenômeno da hóstia

Milagre ou embuste na terra do Pe. Cícero?

(Páginas 12 a 20)



Literatura de Cordel e a imprensa: O papel de "O Rebate"

GILMAR DE CARVALHO

Existe uma lacuna entre a oralidade dos cantadores e o surgimento dos primeiros folhetos impressos. Este fosso se acentua dado o caráter precário do suporte que não resistiu ao tempo ou não foi objeto de uma análise mais sistemática por parte dos estudiosos do folclore ou da teoria da literatura, no caso cearense.

Entre José de Alencar e Araripe Júnior, que se debruçaram sobre a produção poética popular e os primeiros exemplares constantes dos arquivos e coleções, existe um intervalo que instiga no sentido de que sejam procuradas pistas que ajudem a reconstituir a trajetória dos folhetos no espaço nordestino, numa cronologia que permita uma contextualização desta literatura e que diga de sua importância e permanência.

Autores como Rodrigues de Carvalho e Sílvio Romero são unânimes em elogiar a verve e inventiva cearenses e uma amostra do que foi recolhido comprova, não apenas a interferência elitista da correção ortográfica, feita por Alencar, no *Rabicho da Geralda*, mas a espontaneidade e fluência do improvisado do "bocage" cralense Zé de Mattos, um exemplo representativo da importância que assumiria o Cariri nesta perspectiva.

A recolha dos primeiros folhetos publicados no Ceará indica que eles são datados do período subsequente à queda dos Accioly (1912), quando setores da classe média aliados aos militares provocaram as "salvações", que significavam a queda das oligarquias que se perpetuavam no poder, do qual não haviam sido desalojadas pela República.

É corrente a afirmativa de que folhetos manuscritos ou impressos em Lisboa, no Rio ou Bahia circulavam interiorizando a produção da literatura popular. A importância destas matrizes para plasmar uma produção que se adapta a padrões culturais foi destacada por Jerusa Pires Ferreira, quando na *Cavalaria no Cordel* estudou a contribuição carolinha e arturiana enquanto molde do folheto nordestino.

Levando em conta historiadores de literatura que omitem de seus escritos a produção das camadas subalternas e não licalizados nos jornais cearenses do século XIX anúncios de livrarias que vendessem folhetos, a curiosidade para saber como se deu essa passagem é fundamental para os desdobramentos posteriores da literatura popular em verso, donde a importância da inserção de poemas de Leandro Gomes de Barros e Cordeiro Manso no jornal *O Rebate*, de Juazeiro do Norte.

Fundado a 18 de julho de 1909 para lutar pela emancipação política da então vila pertencente ao Crato, *O Rebate* era dirigido pelo padre Alencar Peixoto e refletia um instante de consenso dos interesses das elites e do povo em torno do ideal de autonomia política da antiga fazenda Taboleiro Grande.

Numa fase em que a imprensa era marcada por forte conteúdo doutrinário, ainda longe de se constituir nos moldes de empresa, *O Rebate* é um espaço privilegiado para a observação dos confrontos entre Juazeiro e Crato. Dominando a cena, com seu carisma e incontestável liderança, a figura do padre Cícero, elevado à categoria de mito, no imaginário popular, desde os chamados fatos extraordinários, de março de 1889, quando a hostia teria se transformado em sangue no instante da comunhão, da beata Maria de Araújo.

Em suas acanhadas quatro páginas, sendo uma de anúncios, *O Rebate* espelhava as contradições, anseios e bandeiras do Juazeiro na época. E como era comum nas publicações com uma proposta política mais acentuada, antes da fase empresarial que no Ceará teria começado em 1914 com o *Correio do Ceará*, deixou de circular alcançado o principal objetivo pelo qual se propunha a lutar, ou seja, a elevação de Juazeiro à categoria de município, em 1911, com a consequente eleição do Padre Cícero para prefeito.

Porta-voz das elites, com forte apoio dos comerciantes, segundo Ralph della Cava, *O Rebate* deve ser entendido como um veículo para consumo dos letrados, que não deveriam ser muitos, apesar da vila contar, a 1º de janeiro de 1909, com 15.050 habitantes e ser atendida por 18 escolas particulares e 2 públicas. Mas eram esses letrados que contavam enquanto formadores da opinião pública e condutores vanguardistas de uma luta à qual os segmentos populares passavam a aderir.

O fato de *O Rebate* incluir em seu espaço editorial uma seção chamada "Lyra Popular" reforça o papel da literatura de folhetos e sua aceitação por segmentos com acesso à informação. Aceitação que implica em familiaridade com os códigos da produção popular, donde a seção que passou a ser veiculada em quase todos os números da coleção do semanário, disponível para consulta na biblioteca do Memorial Padre Cícero.

Destes modo foram publicados por *O Rebate* os poemas de Leandro Gomes de Barros "Lucta do diabo com Antônio Silvino" (28.11.09), "O sorteio militar" (5.12.09), "A criação do mundo" (19.12.09), "As capas de uma viúva" (16.01.10), "Clímax de duas noivas" (23.01.10), "A cortidão do caboclo" (30.01.10), além do "O Padre de Juazeiro" (6.02.10) que teria sido o marco inaugural da produção poéti-

criu na Câmara, cito, foi desafiado por um oficial

, porém, aquele

patricio

de funcionar no z, e no mesmo José, do Crato, egio dos padres. cie não terem os anunciado pela rra a sua rebergrande falta que mas, que, de al edimiram, annuncartas, já de viva cassavam, que as ain, como, se fa o deste mez. s se rev... pa cratense.

Lyra-Popular

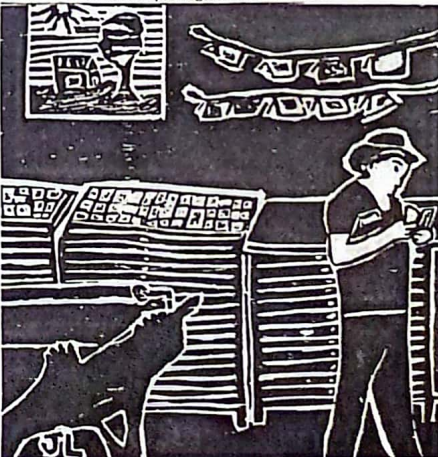


AS LAGRIMAS DE ANTONIO SILVINO POR TEMPESTADE

"Fac-Símile" da publicação "O Rebate"

ca em torno do Padre Cícero, que hoje constitui um ciclo temático dentro das classificações propostas para a literatura de folhetos.

Também foram veiculados por *O Rebate* os poemas "A proclamação dos banhos" (20.02.10), "As lágrimas de Antônio Silvino por tempestade" (6.03.10), "Padre Nosso dos cassacos" (10.04.10), "A lavoura e a crise" (17.04.10), "O Cometa" (20.11.10), que marcou a passagem de Halley e "Romano e Ignácio da Catingueira" (4.12.10), todos do poeta e editor paraibano Leandro Gomes de Barros, responsável por uma das mais férteis produções poéticas do campo popular e que se notabilizou pela qualidade de seu versar dentro dos cânones que regem esta literatura.



Constituem comprovadamente folhetos, de acordo com o Catálogo da Casa de Rui Barbosa, os títulos: "Lucta do diabo com Antônio Silvino", "O sorteio militar", "As lágrimas de Antônio Silvino por tempestade", "O Cometa" e "Romano e Ignácio da Catingueira". Para afirmativas categóricas sobre o restante da produção urge esperar pela edição dos novos volumes da antologia de Leandro, do qual foram publicados apenas três volumes de um total de oito prometidos ou da complementação do Catálogo da Casa de Rui Barbosa, cujo primeiro volume contempla apenas mil títulos, o mesmo total que os estudiosos costumam atribuir ao poeta que Carlos Drummond de Andrade considerou "rei da poesia do sertão e do Brasil em estado puro".

Do algoano Pacífico Pacato Cordeiro Manso, que era como se assinava o poeta Pacífico da Silva, *O Rebate* transcreveu "Plantei cravo e nasceu rosa", com 8 estrofes de dez versos (16.10.10), as 16 sextilhas de "Nunca vil" (30.10.10) e a glosa do mote "Nem todo pão dá esteio", em 6 décimas (13.11.10).

A 6 de março de 1910 a seção "Lyra Popular" ganhou nova típia e uma ilustração que consistia na estilização de um

violeiro diante de um casario urbano, inserção que também diz da importância que esta publicação passou a ter no espaço editorial do semanário.

Estes folhetos e poemas que, na maioria das vezes, ajudavam a constituir no processo editorial o múltiplo de quatro páginas que é marca registrada das produções populares, podem ter contribuído para servir de forma à produção local. Esta hipótese ganha o reforço da importância da mídia impressa e do caráter de porta-voz de que *O Rebate* se investia através de suas propostas e da leitura coletiva que pode ter ecoado pelas noites sertanejas, sugerindo temas e motivos e cristalizando um molde que estava sintonizado com a musicalidade cearense e que poderia ter consolidado a produção popular no contexto do Cariri.

Uma possível pista para comprovar esta afirmativa está no fato da coleção incompleta de *O Rebate* trazer como primeira veiculação da seção "Lyra Popular" (31.10.09) um poema a partir do mote: "Vae te pomba despertada/ao longo carpil torturas", com indicações de autoria de Jacy e Pajé, onde o que se destaca é a contextualização espacial da ação na serra do Araripe, além da abordagem ecológica que trata a questão da terra, sem ir fundo em sua essência:

"Homens sem alma, perversos,
A novos crimes se dão
Movem elles, d'Araripe
Na serra, a devastação!

Tocam fogo lá nas roças,
De mandioca, nos cercados
Nas casas, aviamentos
Dos pobrezinhos, coitados!"

Em "Lyra do Sertão", de Ana Almerinda Dias, publicado em *O Rebate*, a 10 de julho de 1910, há um visível esforço de calcar, sobre um modelo popular, o poema que evolui em onze sextilhas com uma forte dicção de cantoria:

"Não há triste - sem consolo
Nem feliz - sem proteção
Não há feio - sem sua graça
Nem bonito - sem senão
Não há rico - sem dinheiro
Nem bonito - sem senão".

Um efetivo reforço a esta hipótese está também nas páginas de *O Rebate*, na rubrica dos "Inedictoriaes", que publicou, a 23 de outubro de 1910, o poema "Grande Obra", de José Augusto Siebra, da Malhada, serra do Araripe. Nos moldes de um marco, "construção imaginária simbolizando uma fortaleza inexpugnável", no dizer de Sebastião Nunes Batista, Siebra assume o épico e envereda pela hipérbole ao exagerar em sextilhas:

"Dentro de minha lagoa
Tem oitenta fortalezas,
oitocentos mil soldados
a fazerem mil proezas
E canhões sempre fallando
que tremem nas redondezas".

Ao recorrer ao formato popular, um meio de comunicação, por limitado que fosse, legitimava sua aceitação pelas camadas subalternas e realimentava, por outro lado, uma produção popular que se esboçava e que ganhou consistência, no caso de Juazeiro, com as romarias, com os poetas que se estabeleceram na cidade, como João Mendes de Oliveira e que vai ter seu grande momento com a entrada em cena de José Bernardo da Silva, que com sua folhetaria deslocou para o sul cearense a produção de estórias, romances e folhetos.

A importância da imprensa no contexto da literatura popular não se esgotou com a interiorização da maquinaria desatualizada para as necessidades dos grandes centros, o que possibilitou a fixação de pólos nordestinos de produção de folhetos, numa contestação definitiva à tese de Sílvio Romero de que a proliferação de jornais acabaria com a literatura popular em verso.

No caso de Juazeiro do Norte, embora não se tenha notícias da tipografia de *O Rebate* publicar folhetos que, de modo mais sistemático, passaram a ser compostos e impressos na gráfica da Diocese do Crato, segundo informações de pessoas envolvidas no processo, o papel do jornal transcendeu a luta política e se inseriu num projeto cultural, onde a produção das camadas subalternas passou a ser fundamental para a compreensão dos desdobramentos posteriores das relações entre o popular e as comunicações sociais.